

cleo modesto e contamos com você! Sentimo-nos cercados de necessidades espirituais e precisamos cooperadores de sua envergadura. Venha hoje à noite, não falte. Esperamos que aceite o nosso convite e que não desampare a nossa confiança!

O interpelado, porém, muito diferente da véspera, sem qualquer disposição ao serviço sério, e positivamente em fuga ante a ideia de responsabilidade, respondeu com segura:

— Não, meus amigos, não posso dizer que sou espiritista.

E, depois de uma pausa, ante o espanto dos companheiros, concluiu, como muita gente:

— Tenho muita vontade de ser.

XX

A SÚPLICA FINAL

Convencido de que o Mestre distribui as graças, de acordo com as solicitações dos discípulos, o crente fervoroso e sincero, vivamente interessado na perfeita integração com o Senhor, pediu-lhe dinheiro, alegando a necessidade de recursos materiais para atender-lhe aos desígnios.

Ouvindo-lhe a rogativa, o Salvador mobilizou emissários para satisfazê-lo.

Em breve, a fortuna vinha ao encontro do aprendiz, enchendo-lhe os cofres e prestigiando-lhe a casa.

Multiplicaram-se-lhe, porém, as preocupações e surgiram desgostos graves. Longe de elevar-se à espiritualidade superior, passava dias e noites vigiando a entrada e a saída do ouro, assinalando os depósitos crescentes.

Distraído das obrigações mais humildes, perdeu a companhia da esposa e dos filhos, desgarrados do lar pelas fascinações da vida fácil.

No fundo, entretanto, conservava a fé inicial e, quando lhe transbordaram as arcas, reconheceu a dificuldade para alçar-se ao Cristo.

Prosternou-se em oração e implorou a Jesus lhe desse autoridade, assegurando que aguardava semelhante vantagem a fim de segui-lo.

O Senhor acolheu-lhe a súplica e expediu mensageiros que lhe garantissem a desejada aquisição.

Quase de imediato, o discípulo foi guindado a nobre posição administrativa; todavia, sem bases na experiência, em pouco tempo se viu odiado e incompreendido, incapaz de suportar calúnias e crí-

ticas, observações descabidas e advertências mordazes de subalternos e superiores. Movimentava substanciosos patrimônios materiais; contudo, não correspondia aos imperativos do espírito.

Aturdido e desencantado, tornou à oração e implorou a Jesus a concessão de dons maravilhosos, afirmando que somente assim poderia servi-lo.

O Divino Doador anotou-lhe a solicitação e recomendou aos assessores lhe confiassem o poder de curar.

O aprendiz recebeu a dádiva e entregou-se ao trabalho.

Dentro de alguns dias, enormes fileiras de necessitados batiam-lhe à porta. A popularidade absorveu-lhe as horas. Escasseou-lhe o tempo, até para alimentar-se. Sem preparação para o delicado serviço, no decurso de alguns meses declarou-se em falência. Faltavam-lhe forças para o ministério. Em face da multidão dos sofrendores e dos ignorantes, os familiares que lhe restavam no lar abandonaram o campo doméstico. E o pobre, por sua vez, não soube tratar com os desesperados da sorte. Quando não podia atender alguém, depois de haver socorrido dezenas de aflitos, sentia-se crivado de acusações que não sabia acolher com serenidade. Submeteu-se, desse modo, ao cansaço absoluto. Descontrolou-se. Renegou o dom que o Céu lhe emprestara.

No entanto, porque a fé ainda lhe vibrava no íntimo, regressou à petição, com sinceridade, e renovou a súplica.

Em pranto, implorou a pobreza e a obscuridade. Desejava desfazer-se de todos os laços com a posse terrestre. Seria trabalhador anônimo. Ligar-se-ia à Providência, através do esforço desconhecido.

Registrando-lhe os rogos, o Mestre enviou prepostos adequados à situação. O discípulo foi conduzido à penúria. Esgotaram-se-lhe os recursos. A enfermidade visitou-o com insistência. Desacertaram-se-lhe os negócios. Fugiram amigos e aparceram credores.

Sózinho e desamparado, viu-se igualmente inapto para aquele gênero de provação. Sarcasmos e zombarias choviam-lhe na estrada. Foi apontado à conta de imprevidente e relapso, sem o governo da própria existência. Debalde tentou colaborar em obras edificantes. Mesmo aí encontrou gargalhadas por parte de alguns companheiros. Ninguém confiava nele. Aos olhos alheios era relaxado e dissipador. Verificou o mísero que a impaciência e a revolta passaram a frequentar-lhe o coração. Surpreendia-se, por vezes, irado e infeliz, ensaiando reações.

Socorrido, porém, pela sublime claridade da fé, proclamou a incapacidade de suportar a pobreza absoluta e, genuflexo, implorou ao Senhor:

— Mestre Amado, sei que me abres a porta sempre que bato confiante, mas, em verdade, ignoro a essência de meus próprios desejos. Reconheço agora que dispensas a riqueza, o poder e a glória de teus dons, conforme os méritos e as necessidades dos aprendizes. Não dás a escassez extrema àquele que ainda não sabe utilizá-la para o bem, nem confias tuas dádivas aos que não sabem como transportá-las, entre os homens ingratos e cruéis. Conheces a posição de cada um de nós e medes, com sabedoria, a extensão de nossas possibilidades. Não conferes o benefício da lágrima ao coração endurecido, como não deixas o cetro da direção, por muito tempo, nas mãos levianas ou inábeis; não concedes a pobreza absoluta a quem não sabe aproveitar o sofrimento, como não permites que a riqueza se demore na moradia dos insensatos!... Emudece, Senhor, os pedidos de minha ignorância, não permitas que eu te suplique situações que desconheço... Modifica minha vontade, para que meus desejos concordem com os teus designios... Até hoje tenho sido cego! não me negues tua misericórdia!... Faze que eu veja!...

O Mestre ouviu-lhe a rogativa, mas, dessa vez, não mandou emissários para a colaboração indireta. Veio, Ele mesmo, ao santuário interior do aprendiz.

O discípulo, em pranto, sentiu então que alguém lhe falava do centro da alma. Não era uma voz semelhante às vozes que escutara no mundo... Era um sopro divino, nascido da misteriosa cripta do coração, renovando-lhe todo o ser. Extasiado e feliz, reconheceu a presença do Senhor que lhe falou à consciência desperta:

— Doravante, permanecerás em mim, como permaneco em ti. Estaremos unidos para sempre!...

XXI

O EMPRÉSTIMO

Rosalino Pernetá alcançara os círculos da morte, em falência integral.

Extrema bancarrota.

Perdera todas as ricas possibilidades que o Senhor lhe colocara nas mãos.

Estava sozinho, sob o látego do remorso e do sofrimento.

Por anos longos viveu assim o desventurado, chorando os dias perdidos e implorando a concessão de oportunidades novas.

Os lustros sucediam-se uns aos outros, quando Sizínio, velho amigo espiritual, veio ao encontro dele, fazendo-se-lhe visível.

Rosalino caiu-lhe aos pés, em soluços.

— Meu abençoado amigo — clamou em lágrimas —, porque tamanha desdita? vivo num inferno de sombras e padecimentos incríveis. Onde está Deus que se não compadece de minha miserabilidade?

Sizínio contemplou-o, paternalmente, e observou:

— Não, Pernetá. Não te lastimes de semelhante modo. Antes de tudo, recorda os próprios erros e lava o coração nas águas do arrependimento. Não atendeste aos deveres humanos, não cultivaste o campo da espiritualidade enobrecida, mergulhaste a alma em verdadeiro banho de lodo. Que fazer, agora, senão suportar a reparação com paciência? Tem confiança e solidifica os bons propósitos.

O infeliz tentou enxugar o pranto copioso e,